

António Pedro Pita

APRESENTAÇÃO

A organização do programa parece ter obedecido a uma lógica centrífuga – como se o universo da cultura fosse um universo marginal pelas características dos seus objectos ou um universo marginalizado pela força de quaisquer condições determinantes (económicas, sociais, políticas). Assim se poderia compreender o lugar da presente sessão no contexto do programa. A cultura é o que vem depois mas este depois é indeterminado, incerto, um pouco flutuante: a cultura estaria nas margens, pelos imperativos da sua condição ontológica ou pelas necessidades da sua inscrição social.

Mas deve chamar-se a atenção para aquela copulativa “e”: margens e culturas. Em contracorrente da hipótese anterior, seríamos levados a considerar que a cultura, vinda depois e tornando-se presente, por isso, em modo relativamente marginal, um “quando depois não há mais nada” (para evocar um poema de David Mourão-Ferreira), ocorre, afinal, num atraso ou num diferimento que é de uma outra ordem: como a filosofia para Hegel, a cultura vem no fim, ao anoitecer de longos trabalhos e dias, porque traz em si todo o passado, tudo o que era antes, mas que, por isso que é trazido, nela se torna de certo modo presente; e, ao mesmo tempo, define um lugar a partir do qual tudo o que passou se torna visível e inteligível.

Mas o título que nos subordina – “Margens e culturas” – diz outra coisa. Diz, por um lado, o trabalho de inclusão da cultura, o projecto de uma construção de um ponto de vista global sobre o passado que pretende ser, inevitavelmente, também, uma determinação dos futuros possíveis a partir desse passado. Mas diz, por outro lado, o que nas obras de arte – poemas, músicas, filmes, quadros – resiste a esse esforço de inclusão: que é tudo.

Cada obra procede à construção de uma topografia própria, autónoma, que não obedece a condições anteriores e exteriores. Há em toda a obra um enlace – uma dialéctica, uma tensão – entre memória e imaginação, verdadeiro operador da metamorfose da percepção empírica que faz com que surja não propriamente um outro mundo mas possíveis do mundo que existe.

Todo o grande artista, poeta, pintor ou filósofo, são a sua língua e as suas linguagens e por ela e por elas tornam-se herdeiros de toda a arte, de toda a literature e de todo o pensamento, herdeiros desobedientes e por isso fiéis, porque esta fidelidade é feita de transgressão.

Se fosse possível resumir sinteticamente as características da cultura ibérica – na hipótese, ainda mais remota, de que o singular seja pertinente –, talvez um tópico sobreleve os demais: renunciar à descoberta de si por uma anamnese seja de tonalidade psicológica seja de cunho filosófico e estar convicto de que a descoberta de si implica uma mediação pelo outro e é o resultado de uma longa viagem – efectiva ou simbólica, mas de qualquer modo real.

Por essa razão, também por essa razão, Milan Kundera tornou Cervantes um os pais da modernidade.

A cultura ibérica é a complexidade das muitas viagens, das emigrações e dos exílios. Viagens, emigrações, exílios: na periferia que vai à procura do centro, na miséria que vai à procura da abundância, no limitado que vai à procura da ilimitação, o que, de outro, vai também? É que nenhum deste deslocamento é o simples abandono de um lugar: é a transfiguração do lugar.

O trabalho de todos aqueles que, de Cervantes e Camões e Fernão Mendes Pinto a Ortega ou Maria Zambrano ou Rafael Alberti ou Eduardo Lourenço, sem esquecer os outros, cujo nome está soterrado na vertigem dissolvente da história, – todos os que partiram sem sair e prefiguram um cosmopolitismo de várias línguas e culturas dão que pensar que o lugar de onde vieram vai sempre naquele que viaja, não como uma raiz que se desenvolve mas como fórmula de muitas incógnitas, a secreta desconfiança ou expectativa de que talvez só fim, depois, um rosto, um corpo e uma voz sejam finalmente (os) nossos.